

Sumidouro

... um pensamento cinza molhou minha boca, antes, muito antes que Zania perdesse a cabeça: tive vontade de soltá-la. Talvez no jardim do prédio, ao pé do coqueiro, ou mesmo abrindo todas as janelas, da gaiola e do décimo primeiro andar, eu a imaginei voando alto, me dando tchau e partindo para o mundo, sem olhar para trás. Não foi difícil agarrá-la, não houve temor nos seus olhos, apenas um preto surpresa, em cólera branda e definitiva. Eu não queria danos, precisava preservá-las, a Zania que estremecia na minha mão direita, e a outra, do escuro fundo do travesseiro de espinhos.

Arturo, assim batizei o aleijado - ou, para ser politicamente correto, o passarinho que tinha necessidades especiais: espaço maior para caminhar, poleiros mais próximos, banheira rasa, comida no chão da gaiola. Dormia em cima do comedor me dando um trabalho extra na limpeza – comida e caca se misturavam, me exigiam paciência e precisão com o dedo ou uma colherzinha de café. Tinha as pernas tortas, os pés engrunhados e capacidade de vôo limitada. Cantava sem olhar para o céu e isso me confortava, sobretudo depois que comprei a gaiola-casal-master no departamento de acessórios para pets amorosamente aprisionados. E porque eu mantinha um bicho preso-aleijado-cantante que comia na minha mão isso não é relevante.

...confesso que eu e Zania conseguimos soltar um bem-te-vi da arapuca do vizinho, que viu e cuspiu reclamações. O pai ralhou, mas a cinta não cantou tão forte como sempre. Nosso pai não era dado a bicho preso. Excomungava as gaiolas do quintal ao lado, bicho de asa é bicho do céu, rosnavava. A mãe não tinha asas, Zania e eu muito menos. Assim, para nós, as grades eram mais que necessárias.

O fato é que cantava, estufando o peito. É para isso que serve um canário engaiolado. Para te produzir música. E não podemos desligar ou abaixar o som, ou tirar o microfone, salvo se lhe damos uma companheira. Foi o que fiz. Mas os fatos não correram na melhor previsão. Ele, no acumulado de meses, passou a bicar intensamente a cabeça da amada ao tentar a cópula. Talvez pela penugem clara e olho preto-cristal, batizei a fêmea de Zania. Gostei dela de começo, e a mantive na mão por mais tempo que o adequado, sentindo, entre pulsos e

dedos, o batimento acelerado, as penas macias, as asas encolhidas. Acaricieei o bico e as unhas, os pés enquanto ela, de olhos fechados, estremecia. Na gaiola, Zania demonstrou sua indignação mantendo-se na quina esquerda, bem no alto, encolhida. E isso me decepcionou, enquanto Arturo, em pequenos rasantes, voava esforços, ardoroso por alcançá-la. Cansado, acocorava-se no canto de baixo. Cantava mais que antes, em agônica sedução e ao menor deslize dela, nos poucos momentos que se desentocava para beber e comer, a atacava sem piedade. Zania me olhava e havia ali, naqueles olhinhos pretos de canário, ódio. Mantive o separador que dividia a gaiola ao meio e abri a portinhola de Zania.

...em casa, a única fêmea era minha irmã Zania, porque a mãe zumbiava. Carrancuda e com uma doença que deixava peregias na pele, ainda cuidava da cozinha e quintal, mas se esqueceu do resto da casa, quartos, camas, roupas, nunca a vi se lavando e acho que nem dormia. Era Zania quem espalhava cheiros e presença. Do pai ficaram o bafô quente e as mãos grossas. Grandes. Pesadas. E com seis dedos em uma delas. Um dedo aleijão sem unha que nascia do mindinho, mole, meio morto, mas ainda assim, um dedo.

Pensei e quando se pensa muito o corpo morre. Fechei a portinhola da gaiola e retirei devagar o separador. Arturo logo percebeu enquanto a fêmea, distraída e de costas para ele, bibicava o talo de couve.

...fugíamos para nadar quando o calor ensurdecia e o pai se afogava na cachaça. A gente olhava a água correndo, com vontade de cortar caldo e correnteza, para descobrir a vida do lado de lá. E encolhidos, agarrados nas margens, o medo era maior. Havia um sumidouro por ali, bem no meio do leito, um sorvedouro que engolia gente e bicho. Eu ainda me metia a gatinhas e mergulhos curtos. Zania se desengoçava n'água, pavorosa, pavorante. Foi quando surgiu a história das piabas. Para aprender a nadar rios, bastava engolir piabas, era a conversa-verdade. De qualquer tamanho, minúsculas ou maiores, as piabas tinham que ser engolidas vivas. Eu já dava os meus mergulhos e nunca coloquei muita fé na credence, mas Zania, medrosa, enxergava mistérios naquelas águas, um enigma que desejava decifrar. E mistério chama mistério.

Pendurei a gaiola na rede da janela e fechei os olhos para os canários. Que se entendessem, pois de afazeres eu estava cheio. Banho, cachaça e um café amargo para rebater. Não tinha ideia se comeria algo, o estômago embrulhado de álcool e infância...

...Zania deu para colocar uma cadeira atrás da porta do nosso quarto. Demorei a entender o que aquilo significava. Ela também mudou o lado da cama, me pedindo para ficar na ponta, enquanto grudava o bumbum na parede. E dormia com mais roupas, mais colchas, mais suspiros. Vez ou outra o pai a chamava para esquentar no fogo água para banho. Ele tramelava a porta depois que ela entrava carregando a tina com água morna. Com o seu Arturo eu também passava o azedume, mas era rápido. Coisa de dois minutos no banheiro, eu de costas, ele me segurando, apertando, se esfregando, as mãos grossas, pesadas, prendendo, premendo meus ombros, o dedo-zumbi me espiando, um desafogo nas costas, de refrega, sem machucar, coisa de minutos. Com Zania era mais demorado, ela escapava do banheiro molhada e com o olho cristal. Deitava-se na ponta da cama, encolhida e fazendo dos meus pés travesseiro. Eu não me mexia noite toda, uma quentura de sonho.

Um grito de gavião-carijó. Cismeí. Do sofá da sala, com a mão no zíper e com o rádio ligado, afinei os ouvidos. Com algum custo reconheci as duas janelas da sala, o tapete de sisal, a garrafa vazia na mesa de vidro e o canto do canário macho. É que agora e há muito tempo eu moro longe do rio, em cidade grande, pendurado no décimo segundo andar. A tarde já se alonga em modorrenta preguiça, e o pai, seu Arturo Trindade, já é morto, para o sempre.

... dormíamos no mesmo quarto, mas foi na margem do rio que me agachei. A gente nadava pelado, porque a roupa não podia voltar molhada para casa. E a gente também se sujava com a lama da margem, passando barro nas pernas, fazendo guerra de torrão. Para disfarçar o que a água limpou. Para fazer troça. Era torrão nas costas, no peito, na testa, na boca, vez em outra ela chorava quando eu, em excesso de força e gozo, segurava-lhe os ombros, na rasteira a derrubava no chão e embolava seus cabelos no barro. Havia ali um idílio, um frágil lúdico, ela e eu, um no amparo d'outro, uma cumplicidade fraternal à custo preservada. Mas, houve um dia, um dia de cheiros fortes e nuvens amarelas, que ela me pediu ajuda. Ajuda para se sujar. Eu peguei um torrão de barro e esfreguei na coxa macia de Zania. Por fora, por dentro, a coxa macia me eriçando os pelos, o torrão se desmanchando aos poucos, ela de costas, o torrão subindo até o bumbum, grãos de terra escorregando pela

leira, sulco, rego mesmo, porque ali, naquela hora de bruta sensibilidade, eu endureci, só me lembrava das mãos grossas e pesadas nos meus ombros, prendendo, prensando, agora sem um dedo aleijado a espiar, agora, eu sou a pele que arranha, as mãos pesadas e sem aleijão, sem o dedo-monstro, Zania, e você se abaixou. Foi nessa hora e não sei porque você se abaixou justo nessa hora, para escolher mais um torrão? se tantos já tínhamos despedaçado, você, Zania, você se curvou demais e me inundou de pedras e más intenções, um sumidouro de bons pensamentos. Eu me agachei, me acocorei ali, em ponto de bote. E tudo escureceu.

Eu me levanto, cismado. Arturo em cantoria besta, sem freios, e há também alguém na porta, me chamando. E as coisas se passaram um tanto confusas, um jeito de sonho-pesadelo, o chão barreado vermelho onde eu afundava meus pés, agarrado na cintura de Zania, ela me mordendo os dedos enquanto eu lhe tampava o choro. Na gaiola, Arturo subindo em uma fêmea degolada. Reparo, olho muito, a fêmea não mais ali, apenas um corpo, amarelo e de penugem macia, degolado, sim, sem cabeça, sem sangue, um corpinho morto encolhido no canto da gaiola, entregue a Arturo, que, grotesco, insiste na cópula, bicando agora uma ferida. Retiro a gaiola da janela e a deposito no chão. Tenho ânsia, quero degolar Arturo, mas procuro a cabeça da fêmea, a cabeça.

... Zania deixou de dormir aos meus pés. Eu não me lembro direito quantos torrões foram desfeitos. Talvez todos. Não mais corridas até o rio, guerra de barro, risadas embaixo do lençol. Ela, mais uma fêmea a zumbiar pela casa? A cabeça virada para o chão, poucas palavras e olhos cristal-noite. Que me encaravam coléricos, confusos, eu afoito, também confuso, também com medo. Um sem encostar noutro, a cama dividida em colchas e pensamentos, eu olhando os cabelos de Zania, querendo combinar com ela estratégias malignas para acabar com os banhos de seu Arturo, mas ao me aproximar do seu rosto, desengolia vontades e fungava sua nuca e mordida suas orelhas. Ela cobria a cabeça mas deixava que eu a prendesse assim, com pernas e braços sobre o lençol, um tecido fino me avisando o proibido, ela sufocada, eu ardendo. Éramos o não mais?

Alguém insiste na porta, ah, sim, a vizinha, tínhamos marcado algo, mas ela precisa sair e está com um filhote de siamês-thai de focinho escuro e olhos azulados no colo. Acaricio as orelhas do bichano. Meus pés ainda estão na lama vermelha, há lama em toda a sala e me ofereço como babá para o filhote, coisa de minutos, devolverei assim que ela voltar. O gato

me encara, interrogativo, enquanto a vizinha me promete algo mais com os olhos, pedindo, encarecidamente, janelas fechadas. Quando fecho a porta me lembro da gaiola no chão da sala. Solto o gato, que parece deslizar na tábua corrida. Arturo ainda bibica a companheira mas logo se apruma quando o gato, pelo eriçado, passa a rodear a gaiola. O passarinho pula desesperos e o bichano monta estratégia. Parece não se interessar pelo corpo da fêmea, toda a sua atenção está no macho, que agora pia socorro.

... ao me convidar para o último banho, sem me encarar afirmou que tinha conseguido engolir duas piabas. Perguntei onde, quando, mas ela correu para o rio, eu atrás, a saia amarela balançando lá e cá e não sei porque corríamos, ela na frente, a saia amarela, eu querendo esquecer, amolecer, o pensamento duro, o corpo também. No barro, naquele dia ela não se preocupou em sujar a roupa, em se arranhar no chão, eu mordendo, urrando, machucando. E de repente ela se levantou, agora com olhos cristal-fogo, falando do rio e do sumidouro. E foi-se, pés, joelhos, cintura, sujando o rio que lavava o nosso barro. Quando a água atingiu os seios ela parou. Esperou um pouco, mexeu os braços como remo, quis virar o rosto e tive a impressão que desejou voltar. Mas logo submergiu.

O gato dá um tapa em Arturo e ronrona, presunçoso. Eu apenas observo. Eu nunca acreditei em piabas e poderia ter mergulhado, puxado braços e pernas de Zania, abraçado seu corpo, como um bom irmão. O gato me parece frustrado, olhando o pássaro no chão da gaiola, imóvel. Zania, com os cabelos longos e sexo à mostra, me acena, todas as noites, do outro lado do rio.

Oliver Lebazi